

# Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

**Universidades Lusíada**

Silva, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da, 1958-

## **Nota de apresentação**

<http://hdl.handle.net/11067/5528>

### **Metadata**

<b>Issue Date</b>	2009
<b>Type</b>	article
<b>Peer Reviewed</b>	No
<b>Collections</b>	[ULL-FCHS] LH, s. 2, n. 05-6 (2009)

This page was automatically generated in 2024-05-18T22:27:15Z with information provided by the Repository



## NOTA DE APRESENTAÇÃO

Júlio Joaquim da Costa Rodrigues da Silva



As crises políticas e económicas estiveram sempre presentes na História de Portugal testemunhando a importância dos processos de transformação da realidade social e cultural na definição da identidade nacional. Na verdade, o peso das continuidades estruturais, o “tempo longo” de Fernand Braudel <sup>11</sup>, sempre alimentou uma macro-história que teve brilhantes cultores com destaque, entre nós, de Vitorino Magalhães Godinho <sup>22</sup>. Numa época, marcada pela globalização económica, o “tempo curto”, a “conjuntura” e o “acontecimento” regressam, inesperadamente, como elementos centrais na compreensão de um mundo em plena crise. A crise política e ideológica do Ocidente, dos inícios do século XXI, evoluiu rapidamente para a desastrosa crise financeira e económica, cujos os efeitos ainda sentimos. A perda da hegemonia mundial, alcançada pelos americanos no final do século passado, não se traduziu no renascimento da Europa como força política dominante. A Oriente, a Índia e a China: a Sul posicionam-se, como grandes potências emergentes deslocando cada vez mais o eixo do poder económico e político para o Pacífico, parecendo corresponder, pelo menos em parte, às previsões de Fernand Braudel e de Immanuel Wallerstein sobre a evolução global do capitalismo. As presentes dificuldades têm profundos reflexos políticos e culturais, pondo em causa as mundividências europeias, confrontadas com um complexo processo de unificação, ainda abalado pela não ratificação do Tratado de Lisboa de 13 de Dezembro de 2007.

A reflexão sobre a relevância destes complexos processos de ruptura política nas sociedades europeias tem já um longo historial tendo dado origem a análises específicas, adaptadas a cada caso nacional <sup>33</sup>. Assim sendo, justifica-se plenamente o actual número duplo dedicado à abordagem de uma época, caracterizada, a nível do nosso país, por uma crise político-cultural que abalou o reinado de D. Carlos I (1889-1908) e foi um prenúncio da implantação da República, em 5 de Outubro de 1910 <sup>44</sup>. Importa, assim, observar o período anterior à revolução republicana e a sociedade

<sup>1</sup> Braudel, Fernand, *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'Époque de Philippe II*, Troisième édition, 3 vols., Paris, Librairie Armand Colin, 1976.

<sup>2</sup> Godinho, Vitorino Magalhães, *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*, 2.ª Edição, Lisboa, Ed. Presença, 1991.

<sup>3</sup> Cfr. Winock, Michel, *La fièvre hexagonale. Les grandes crises politiques 1871-1968*, Paris, Éd. Du Seuil, 1987, p. 9-11, p. 375-412.

<sup>4</sup> Cfr. Ramos, Rui, João Franco e o Fracasso do Reformismo Liberal (1884-1908), Lisboa, ICS, 2001 e Ramos, Rui, *D. Carlos*, Lisboa, Temas & Debates, 2008.

da monarquia liberal do *fin-de-siècle* português, sob duas perspectivas diferentes: as imagens da estabilidade institucional e a figura da turbulência mental e cultural. No primeiro caso, os artigos de Humberto Nuno de Oliveira e Paulo Jorge Estrela sobre “D. Carlos I e a Falerística” e o de Francisco Simas Alves de Azevedo referente aos brasões de armas do 19.º duque de Bragança, fornecem-nos uma descrição dos aspectos simbólicos da monarquia portuguesa. A análise de Júlio Rodrigues da Silva sobre Wenceslau de Moraes e a guerra russo-japonesa no Extremo Oriente (1904-1905), permite-nos delinear um pensamento heterodoxo e relativamente distanciado do Portugal de princípios do século XX. Finalmente, Jaime Regalado analisa as reformas do armamento ligeiro do exército português, no reinado de D. Carlos, resultante da situação internacional e colonial na viragem do século XIX.

A “Vária” remete-nos para um conjunto de artigos sobre uma multiplicidade de temas de plena actualidade. Assim, José D’Assunção Barros fala-nos da problemática da escrita da História e da sua relevância para a historiografia contemporânea. Dusko Lopandic situa-se na Antiguidade Clássica para nos dar uma descrição original de uma Sérvia inserida no Império Romano. José Luís Andrade analisa as relações luso-chinesas, na época da Dinastia Ming, focando especificamente três das expedições portuguesas então realizadas. Nuno Lemos Pires debruça-se sobre um tema pouco referido na historiografia sobre a Guerra Peninsular, as relações luso-galegas no contexto da invasão de Sout de 1809. Isabel Drummond Braga trata de uma questão característica da antropologia histórica e da história das mentalidades na perspectiva de um cultura luso-brasileiro, feita do intercâmbio de saberes e de sabores culinários. Nuno Simões Ferreira aborda as concepções integralistas de Alberto de Monsaraz para nos recordar a importância das correntes dissidentes do pensamento dominante na Primeira República (1910-1926). Alex Peters reflecte sobre a difícil questão do estudo biográfico dos dirigentes e militantes nazis, colocada na ordem do dia pelo filme “The Reader” (2008). Isabel Baltazar continua a sua reflexão anterior sobre a União Europeia e a Europa, analisando desta vez o pensamento do pensador e historiador Denis Rougemont, expresso na “Carta Aberta aos Europeus”. Alexandre Honrado fornece-nos uma nova perspectiva da figura de Isabel de Aragão, salientando os aspectos políticos e religiosos da sua vida.

Na secção dos “Documentos”, Jorge Penim de Freitas publica um documento que nos fornece uma descrição inédita da batalha de Montes Claros feita por um oficial inglês do *English Regiment of Horse* de 23 de Junho de 1665. O texto é fundamental para a compreensão do papel dos militares e oficiais ingleses em Portugal na Guerra da Restauração e vem na continuidade de trabalhos anteriores do autor<sup>55</sup>.

Abílio Pires Lousada fornece-nos uma revisão crítica sobre a “História da Guerra do Peloponeso” de Tucídides sempre essencial para a compreensão história do pensamento militar da Antiguidade Clássica.

<sup>55</sup> Cfr. Freitas, Jorge Penim de, *A Cavalaria na Guerra da Restauração 1641-1668. Reconstrução e evolução de uma força militar*, Lisboa, Prefácio, 2005 e Freitas, Jorge Penim de, *O Combatente durante a Guerra da Restauração 1640-1668*, Lisboa Prefácio 2007.